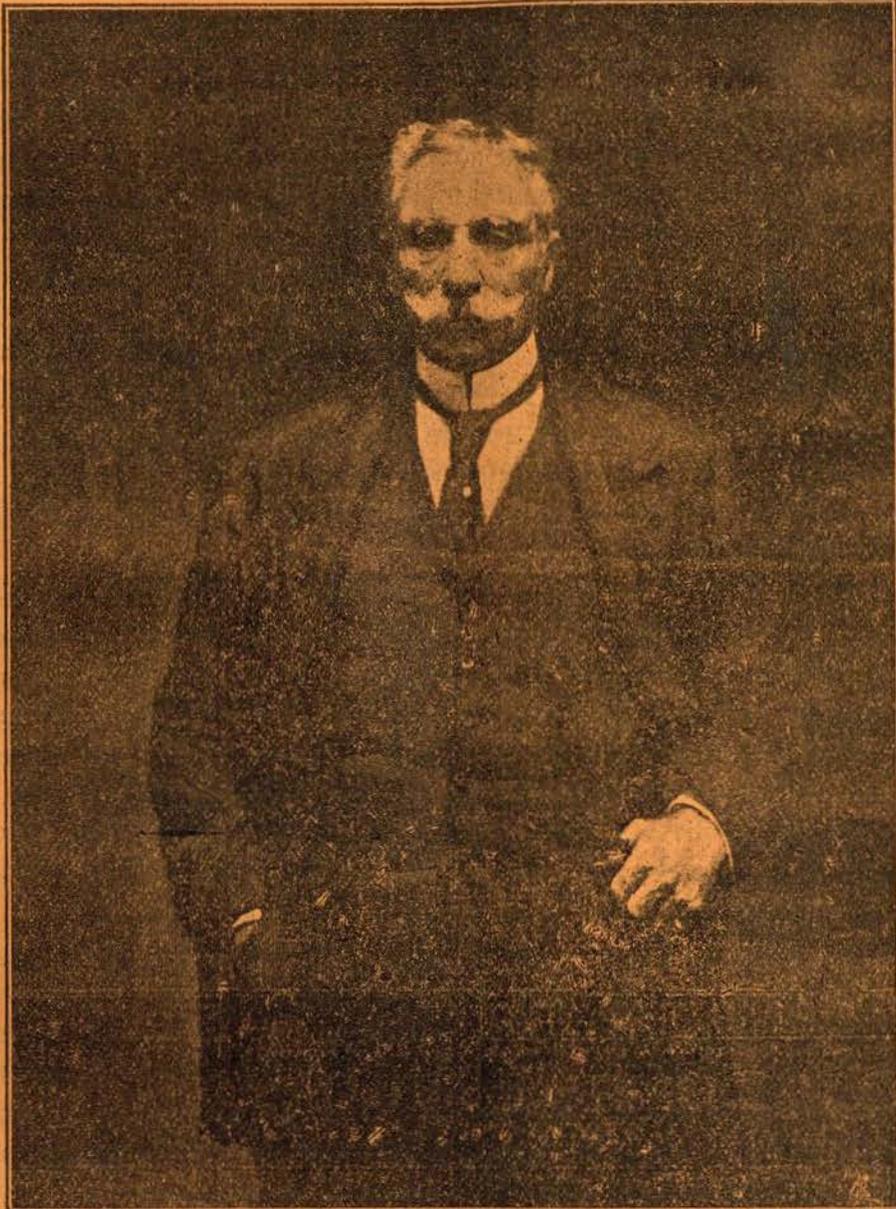


A Entrevista

Sem santo nem senha

POR JOAQUIM LEITÃO



S. Ex.^a o Sr. Conselheiro José d'Azevedo Castello Branco

(Copia d'um retrato a oleo, feito em Paris pelo pintor portuguez sr. Luiz Burnay)

N.º 9 — Numero avulso 60 reis — 8 - I - 1914

NÃO SE ACCEITAM ASSIGNATURAS

Editor e proprietario: MARIO ANTUNES LEITÃO

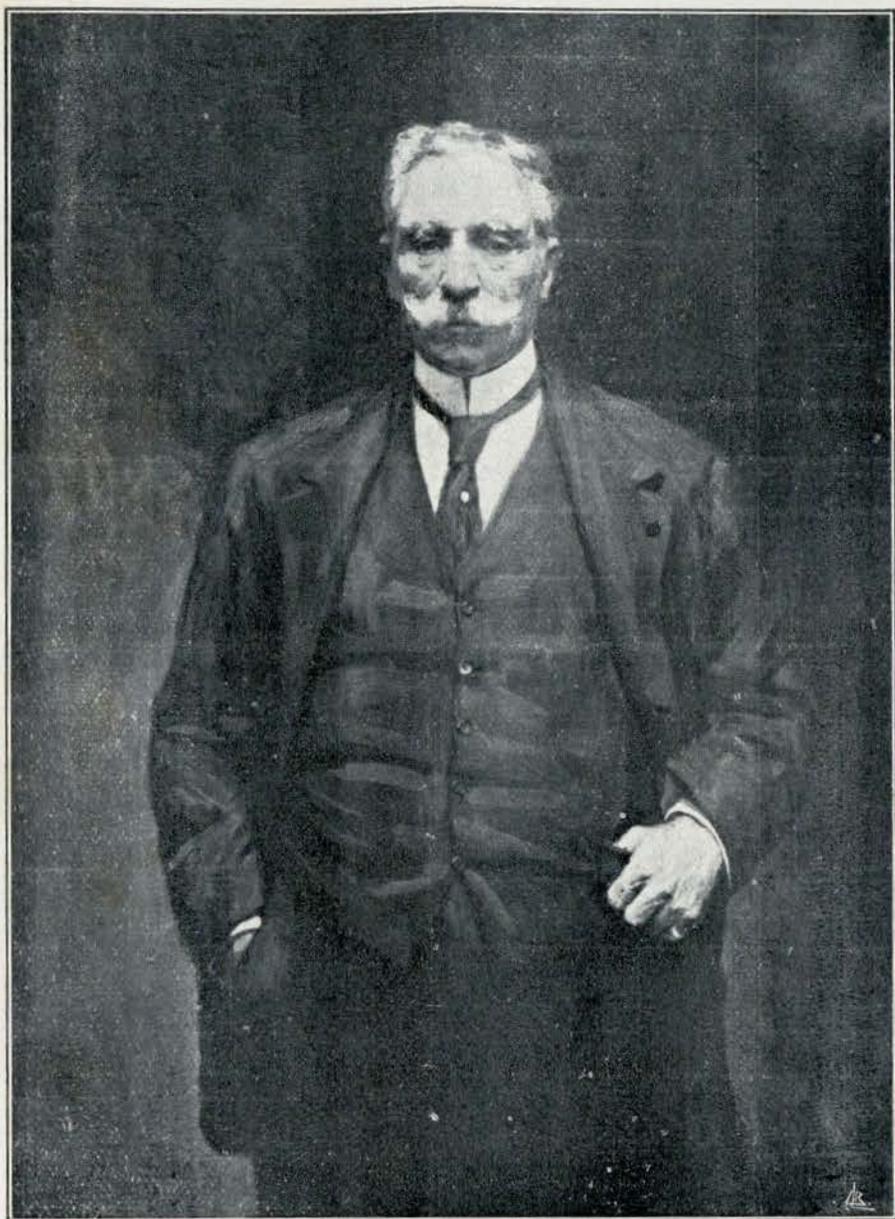
Composto e impresso na Typographia de A. J. da Silva Teixeira, Successor — Rua da Cancellia Velha, 70 — PORTO.

Todos os direitos de reprodução reservados

A ENTREVISTA

Numeros publicados:

- Numero 1.** — Entrevista com JOÃO D'AZEVEDO COUTINHO, em que o antigo ministro e heroe d'Africa conta a sua temeraria entrada em Portugal nas vespervas dos acontecimentos de outubro ultimo e como conseguiu sahir de Lisboa, escapando ás auctoridades conhecedoras da sua estada na capital.
- Numero 2.** — Entrevista com o notabilissimo estadista hespanhol D. EUGENIO MONTERO RIOS.
- Numero 3.** — Entrevista com o Sr. CONDE DE MANGUALDE — O Conde de Mangualde no combate de Chaves — Um bravo — Morrendo todos os artilheiros, o Conde de Mangualde vae debaixo de fogo para uma peça — Imprevisto lance — Os seus presentimentos, etc., etc.
- Numero 4.** — Entrevista com o antigo Ministro do Mexico em Paris, D. MIGUEL DIAZ LOMBARDO.
- Numero 5.** — Entrevista com o DR. CUNHA E COSTA — Collaboração de Cunha e Costa na legislação republicana do Governo Provisorio — O antigo propagandista republicano desenganado da viabilidade da republica portugueza — Declaração da sua actual indiferença pelas formas de regimen — A restauração da monarchia é inevitavel como dos males o menor, affirma-o o antigo e historico republicano sr. dr. Cunha e Costa.
- Numero 6.** — Entrevista com FERREIRA DE MESQUITA, ajudante do Sr. Conde de Mangualde — Ferreira de Mesquita na Galliza e no Exilio — Um cadête com batalhas na sua folha de serviços — Como um rapaz troca Paris pela cadeia — Como foram presos o Conde de Mangualde e o seu ajudante Ferreira de Mesquita — A versão exacta dos factos narrados por Ferreira de Mesquita — Uma carta comoventissima de Paiva Couceiro.
- Numero 7.** — Entrevista com o PADRE DOMINGOS — O levantamento de Cabeceiras de Bastos em Julho de 1912 — A guerrilha do Padre Domingos — O aviso de Couceiro para o levantamento — A morte do administrador de Cabeceiras — O combate com forças de infantaria 18 — A casa do guerrilheiro destruida a fogo — Encontro do Padre Domingos com Paiva Couceiro.
- Numero 8.** — Entrevista com a Senhora Marqueza de Rio-Maior sobre a SENHORA D. JULIA DE BRITO E CUNHA — Uma pagina immortal de Balsac, que a Republica Portugueza accrescentou — A vida d'uma Christã — A organização d'um serviço de saude — A busca e a prisão — As Senhoras D. Julia de Brito e Cunha e D. Constança Telles da Gama em ferros da Republica — O Natal dos Vencidos.



J. A. Arceles Antonio Franco

A ENTREVISTA

Sem Santo nem Senha

POR

JOAQUIM LEITÃO

N.º 9

8-1-1914

ESTUDO D'UMA CABEÇA

Sangue de Camillo Castello Branco — José d'Azevedo Castello Branco prosador e poeta — O conversador — O ministro — Um speech no banquete do Bussaco — Durante a revolução — Depois da Republica — Na « Brazileira », e no exilio — Um homem de letras — Maldita politica! — O escriptor absorvido pela politica, o homem publico desaproveitado por uma revôlta época historica.

Filho d'uma irmã do amargurado gigante de S. Miguel de Seide, a José d'Azevedo Castello Branco coube em herança consanguinea um bom quinhão dos talentos e amarguras de Camillo. A abastança do seu estylo, a elegancia mascula da prosa, perfumada de dizeres sertanejos, e a riqueza da orchastração verbal tornam este sobrinho de Camillo Castello Branco o unico prosador portugûes que hoje, em boa verdade, pôde attribuir-se a representação da graphia camilliana, com toda a grandeza imprevista do grande Mestre.

A sua vida publica não se desse-

mêlha, no que toca a amarguras, da senda attribulada em que se revolveu Camillo Castello Branco.

E' o mesmo sangue de Camillo, que a éra de sub-mediocridades, em que ha muito vivemos, infelicitada e persegue.

Não se perdoa á boa mente a posse de um talento. Ora este homem não tem um talento, tem muitos, porque é uma cerebração polychroma, mestraço na arte de bem escrever, d'uma erudição de frade, versado no clacissismo, e familiarisado com a economia politica e a obra da ultima geração de poetas, falando a mesma

lingua tersa, de purista, em que exprime por escripto o pensamento, lendo com um insaciavel appetite mental de tenro douctorando, dono d'uma incessante cultura que lhe renova o cerebro, como uma mãe d'agua mantem reverdecido o prado por onde faz caminho.

Lê, como lia Camillo, tres, quatro obras simultaneamente: um volume de historia, um recente estudo para melhor conhecer um classico, um livro de philosophia, a brochura, ainda quente da esteriotypagem, sobre o radicalismo inglez ou o imperialismo allemão, descansando na variedade, e tomando notas como um latinista incipiente tirará significados.

Ainda ha poucos mezes assisti a este dialogo:

— Tu já lêste um volume recentissimo sobre o liberalismo na Inglaterra?

José d'Azevedo respondeu:

— Já, e já conversei com o auctor que encontrei agora na Suissa.

E puxe-o a gente para a litteratura, ou para a politica, falle-se-lhe d'um homem ou d'uma téla, proponha-se-lhe um rio de Africa ou um verso latino para assumpto thematico da conversa, José d'Azevedo acceita sempre o thema e d'elle sae com o seu foral de conversador, intacto. Porque este homem é um dos ultimos representantes d'aquellas gerações passadas que sabiam conversar, porque tinham sido educadas, pelos paes e pelos mestres, para, quando abrissem a bocca não exalárem o mau halito da asneira.

Tem sessenta annos. Os cabellos que, ha apenas trez annos, inda hesitavam em desbotar, embranqueceram de todo. Todavia, a dentadura branca, do morêno, ao descerrar-se para modelar a voz, não lembra as prêsas displicentes e serreadas dos velhos descontentes, antes fazem o effeito

d'um collar de boas perolas deitadas ao pescôço da phrase. Em quietação, como ella apparece n'esta copia photographica d'uma téla, como ella appareceu, durante as sessões, ao pintor, aquella physionomia deve mostrar-se mais avelhentada. As sobrancêlhas brancas, o bigode sôlto, o rosto puxado, relembram a mascara de Camillo. Mas quando falla, no olhar castanho reflorece uma alegria intellectual, a pupilla accende-se para a fundição da idéa e da expressão oral, e todo elle é vida e movimento.

Trasmontanamente vigoroso, a maestria da experiencia serve-o docil, e a exuberancia ajusta-se a um comedimento quasi fleugmatico, como aos moldes intransigentes d'um sonêto o poeta ajustará uma vasta concepção. Isso, e o seu valor feito de homem de estado, lhe valeram, no rememorante banquête do Bussaco, em setembro de 1910, o mais modelar *speech* que um inglez poderia ouvir proferido por um portuquez.

Homem de pensamento, e devoto de arte, nem a vida, nem os trabalhos, nem os imprevistos d'esta deramada hora historica, lhe amortece-ram as qualidades de homem de acção. E n'essas tristes horas da revolução de outubro, em que a Monarchia se suppoz defendida por homens que afinal tinham pouca barba e vestiam com certeza camisas de mulher, José d'Azevedo Castello Branco foi quem quiz ter mão na enxurrada.

Depois da Republica, não recolheu timidamente ao tegurio.

Como, quando a caminho da Camara dos Pares, ou da secretaria do Ministerio dos Extrangeiros, continuamos a vel-o descer o Chiado, parar na Havaneza, conversar, criticar, habitar Lisboa e utilizar a rua.

Disseram-lhe:

— «Não vá á «Brazileira», porque dão cabo de si!...»

José d'Azevedo foi á «Brazileira», tomou o seu café na «Brazileira».

— «Aqui á «Brazileira», ainda passa, mas no «Martinho» não ponha os pés porque o chacinam!» — recomendavam as vozes.

José d'Azevedo, no mesmo instante, desandava Chiado abaixo, entrava no «Martinho», sentava-se, batia com a ponteira da bengala e, na sua voz cheia, commandava :

— Café!

E acabava a chicara de café, sem ninguem se atrever a acabar-lhe com a vida.

E enquanto teve os braços livres ninguem se metten com elle, ninguem, nem esfarrapados nem encartolados, lhe dirigiu promessa de offensa. No caminho para a Penitenciaria, ás tres horas d'uma madrugada chuvosa, entre uma escolta, então, os «valentes» que o tiveram na «Brazileira», no «Martinho», nas ruas de Lisboa, então, sim, mandaram insultal-o. A certa altura, iam na rua Alexandre Herculano, um dos que fazia de «povo» para insultar um homem prêso, propôz:

— «Isto o melhor é a gente *estafal-o* aqui já!»

José d'Azevedo, dirigindo-se ao subalterno que commandava a escolta, disse:

— Faça favor, pare ahi um boccaldo!

E para o do alvitre:

— Os senhores podem assassinar-me quando quizerem; mas andem depressa com isso, porque está a chover e eu escuso de me molhar mais!

— «Não que eu tenho de o entregar na penitenciaria!» objectou o subalterno da fôrça.

— Então se tem de me entregar na Penitenciaria, vamos lá.

Mettido na Penitenciaria, primeira

vez, segunda vez lá foi parar, e de lá veio para o desterro trazendo com elle o unico bem que a Republica lhe não pode tirar: o seu talento.

No exilio, tem-lhe feito companhia a sua espantosa cultura intellectual. Deve contar na vida d'elle esta época como uma das mais amargas, mas nenhuma lhe concedeu o tempo de juntar alguns cabedaes para legar aos seus. Só aqui logrou essa fortuna, que se a elle o não prosperou, a nós enriqueceu, e aqui mesmo testou assim, á sua Mulher e aos seus filhos:

*«Aqui vos deixo um livro de saudade,
Meu unico dispôr!*

E, vós, por meu amor,

*Abri-o muita vez e lêde-o com piedade.
Soffrido no desterro em horas bem cruéis,
É tudo o que de mim herdar podeis!»*

Maldita seja a politica! que nos desencaminhou este homem de letras nato, e só o deixa escrever um livro de versos á hora melancolica da vida em que elle o intitula *Ao cair da Folha*. Os que teem saboreado do manjar da desgraça, no desterro ou nas prisões, teem n'esses pungidos *poemas do outomno* um missal das suas dôres. Os que quizerem prelibar da amargura resignada, unica forma por que os fortes e os grandes acceitam o soffrimento, não teem mais que tomar esse poema do exilio e ir por ali fóra até á curva triste do caminho da existencia, donde um pae desilludido diz o seu *Adeus* a um filho:

*«Vae, filho, vae! Não voltes para traz
Os olhos de saudosos!.....»*

Descançarão no *Ultimo canto*, a ouvir-o dizer desencantado:

« Por mim
 Cá vou subindo a ingreme ladeira,
 Até que chegue á terra hospitaleira
 Onde afinal repouse a minha dôr
 No teu perdão, meu Pae e meu Senhor! »

E, afóra, o bem que lhes saberei, contadas pelo poeta, recapitular horas irmãs, ali se gozarão de uma obra d'arte que o escriptor não teria vasado na caprichosa forma dos seus versos se o soffrimento não trasbordasse, e não viesse, espraiando-se, filigranar-se, como o mar batido pela tormenta arroja uma vaga contra os alcantis e estes se entretêm depois a estylisal-a.

Quanto a mim quando dou com os olhos n'este homem, relembro sempre o escriptor de raça que n'elle ha e que a politica absorveu, para afinal

esta revólta hora historica desaproveitar o homem publico.

Tanto assim que, ao irmos entrevistar o homem publico, unico da sua cathegoria que tem provado o pão e agua das cadeias da Republica, nós o fizemos, sim, como delegado de um publico que tem o direito de saber o que pensam os seus homens politicos da alarmante hora portugueza, mas tambem com a certeza, de que, ainda n'uma synthese de attribulada politica, encontraríamos desperto e confirmado o homem de letras.

Ao lado do coração sangrando a nostalgia, lá estava o cerebro filtrando a amarga visão da nossa sorte collectiva.

Vão ouvil-o na sua opulenta dicção de purista.



ENTREVISTA

COM O SR. CONSELHEIRO

José d'Azevedo Castello Branco

Tendo um jornal noticiado que o sr. José d'Azevedo ia adherir á Republica, s. ex.^a diz porque não adheriu nem adherirá — Como julga os que adhesivaram — O que haveria a exigir á Republica — As duas prisões do conselheiro José d'Azevedo — Odios pessoas mettem na cadeia um antigo ministro dos estrangeiros — Onze dias de incommunicabilidade na Penitenciaria — Um portão de ferro e um artigo de jornal — Um delactor — O conselheiro José d'Azevedo prisioneiro a bordo dos navios de guerra — No exilio — Angola e a Industria Portugueza — Triste quadro final d'uma epopeia — A Allemanha e a politica ingleza esburgando Portugal — O Paiz — O egoismo individualista das democracias e a ausencia de noção do bem nacional — A oligarchia republicana — Como poderia cair sem esforço a Republica — E' mais facil restaurar a Monarchia que aperfeicoar a Republica — O que foi o 5 de Outubro: como o ministro dos estrangeiros de 1910 explica o advento da Republica — O exercito — Os Messias e os heroes — Para onde vamos ou para onde poderiamos ir.

Porque não pensou nem pensa em adherir.

O Conselheiro José d'Azevedo é um trasmontano a quem nem as longas permanencias nas cidades nem a abastardante politica despojaram dos geitos nataes. Nós fizemos-lhe com rebuço esta pergunta:

— O que ha de verdade sobre o

que disseram os jornaes ácerca da sua adhesão á Republica?

E elle respondeu-nos com o sorriso que o trasmontano typico tem para o bacamarte que lhe barra o caminho:

— Eu não vi essa noticia nos raros jornaes portuguezes que leio. E' até possivel que, se a houvesse lido, me não detivesse a desmentil-a... Por-

que e para que deveria eu adherir á Republica? Desde a primeira hora do seu advento eu me considerei um vencido que nada tinha a esperar nem a pedir ás novas instituições que não fosse aquillo que, n'esse regimen de equidade constitue, não o privilegio de uma casta, mas o patrimonio de todos: na plenitude de uma justiça imparcial o julgamento dos meus erros passados como servidor do Estado; como cidadão o inteiro gozo de todos os direitos civis e politicos. Para obter isto, a adhesão afigurava-se-me desnecessaria.

Os adhesivos.

— Outros houve, porém, que assim não procederam...

— A esses não os censuro: a minha piedade é infinita para a miseria dos que, pelo horror da fome, se apressaram a dar amostras de uma dedicação que não tiveram na Monarchia.

Outros houve que adheriram por... um erro de raciocinio, que nada ganhou em ser intempestivo e apressado. N'estes a experiencia dos factos ha muito deve ter gerado as convicções que, ao meu espirito, accudiram desde a primeira hora em que vi que o regimen novo se apresentava com os aspectos de uma *curée* a que accudiam, de todos as alfurjas, os membros d'essa vasta associação de famelicos, aos quaes a posse de um diploma litterario sem applicação pratica offerencia, como supremo recurso da vida, conspirar contra o existente, insufficientemente esbanjador para que dêsse para todos. O que se pediria ás novas instituições não seria que consagrassem um *novo* direito ou que assegurasse a conquista de uma desejada liberdade. As pretensões não eram doutrinarias: tinham um mais comesinho aspecto de

arrancos organicos, de apertos da fome, de necessidades imperativas da vaidade.

Porque se assustou a Republica com os adhesivos — As más acções do sr. Antonio José d'Almeida.

— E não seria possivel conciliar uns e outros?

— Não! Porque entre *ter* e *não ter* não ha transacção material e para que uns tivessem foi preciso despossar outros. Era inutil recalcitrar. O direito dos primeiros acabou com o triumpho dos adventicios. Por isso se fez taboa rasa da justiça, da equidade, das garantias das leis, de tudo o que constitue uma divida do Estado a quem o serve com zelo. A *adhesivagem*, denunciada e troçada pelos clamores da imprensa republicana não assustou senão porque ia ser uma perigosa concorrência, em face da magreza do thesouro onde todos beberricariam. Se elle dêsse ensanchas, teriamos assistido ao hilariante espectáculo de vencidos e vencedores acamaradados todos e n'uma intimidade á altura do character portuguez, tal como elle se mostra revelado n'esta época singularmente perturbada da nossa historia. Eu fui uma das primeiras victimas sacrificadas no altar da moralidade, não — como *em carta* m'o affirmou o sr. Antonio José d'Almeida que extinguiu o meu logar — porque a nascente republica não tivesse *pela minha pessoa muita consideração*, mas por entender dispensaveis os meus serviços de funcionario, o que aliás não podia fazer sem derogar previamente a lei que me concedera o direito de me aposentar, direito que essa mesma lei me fazia pagar arrancando-me cotisações mensaes a que nunca faltei. E' possivel porém que a

desnecessaria violencia fosse uma d'aquellas *más acções* que esse ministro, em evolução de arrependimento, confessou mais tarde ter praticado por sugestões imperativas dos collegas e com a cumplicidade do tenue senso politico de que o julgam dotados os que com elle convivem mais intimamente. Esta precipitada resolução tornou-me vidente. Vi o que poderia esperar e talvez isso me salvasse da pratica de algum acto de que hoje tivesse de me arrepender.

Situação actual dos desgraçados adhesivos.

— Não pensou pois nunca em adherir?

— Nem então, nem hoje. Nem é indispensavel essa capitulação, para os que nada queriam da republica. O que todos temos é o direito de lhe exigir, como portuguezes, a permissão de viver livremente, na conformidade das leis commum a todos, n'uma equitativa partilha de encargos e de beneficios que não torne, uns, materia collectavel de perseguições e violencias e outros insupportaveis tyrannos, superiores ás sancções dos codigos, responsaveis apenas perante a propria consciencia e sem temor da justiça. Os mais dignos de lastima são, ainda hoje, os que adhesivaram por um erro de raciocinio, porque das premissas que possuam só lograram concluir que é peor que a negra miseria, comer um pão, salgado de despeitos, levedado em odios comprimidos, amassado em vergonhas e pago na moeda de uma desconsoladora indignidade. Creia que esses são, na republica, os mais dignos de dó.

— E esse estado dos espiritos não acabará por modificar-se um dia?

Porque foi preso o sr. José d'Azevedo?

— Não! Emquanto a Republica Portuguesa fôr o que é: um governo *de poucos* para proveito *de alguns*.

Na hora em que ella fôr a consagração nas leis e na pratica dos homens um governo tolerante em que qualquer possa viver, sem um attestado previo de *adhesivagem*, todos, por este fatal pendor que nos impelle para o berço natal, para lá iremos, não, para a servir, mas tambem para não a hostilizar. E' isto o que ainda se não quiz ou se não tem deixado querer vêr.

— E porque foi V. preso?

— Talvez os proprios ministros que ordenaram as minhas duas prisões lh'o não possam dizer se não quizerem confessar a sua subserviencia a odios alheios. Quando em Coimbra na Penitenciaria, onde me encurraram, me veio interrogar um magistrado, para esse fim delegado, não me foi difficil perceber o embaraço do interrogante perante a sua ignorancia de factos que justificassem o rigor da prisão. Perguntou-me o que quiz e a franqueza das minhas respostas de todo o desanuveou das suspeitas, se é que alguma vez as teve, de que acabava de ouvir um formidavel conspirador. Vinte dias depois era solto, para ser de novo capturado em Lisboa quando rebentou uma greve de operarios. Então, n'uma nota official que se fez distribuir pelas legações estrangeiras, eu era apresentado como cumplice no movimento grevista, a quem a apprehensão de cartas e outros documentos *compromettiam gravemente*. Nem eu nem ninguem nas legações tomou a serio a nota official, feita apenas para mascarar o arbitrio de um acto que, sem esse condimento, a todos se afiguraria revoltante. E razão tinhamos todos para

não tomar ao tragico o caso, porque quando, depois de onze temerosos dias de incommunicabilidade n'uma pocilga humida da Penitenciaria de Lisboa me interrogaram, o que de mim se procurou tirar foi: se eu tinha mandado fazer na Regoa um portão de ferro e se eu era o *auctor* de um artigo publicado n'um jornal do Porto onde, ao que parece, se commentavam actos do governo. Verificado que eu tinha mandado fazer um portão de ferro, para o utilizar n'um portal escancarado da minha casa do Douro: verificado que não fôra eu quem escrevera o artigo cujo auctor aliás pacatamente continuava gosando plena liberdade de escrever outros na sua casa do Minho, fui mandado, por uma decisão de clemencia, para as *commodidades e confortos* do Limoeiro, á espera de investigações a que ia proceder-se.

O tratamento na Penitenciaria.

— E como foi tratado na Penitenciaria?

— Como calcula que seja tratado um homem que se pretende humilhar, confiado ás severidades de um carcereiro que tinha alma d'esse officio. Supponho porém que os seus rigores eram de encomenda, *biologicamente fallando*.

— E os famosos documentos da nota ás legações?

— Esses documentos eram substancialmente umas cartas particulares que eu escrevera a amigos, auzentes no Brazil e a quem, n'um proposito de aligeirar as tristezas do exilio, contava o que os jornaes diziam sobre escandalos ardentes praticados por certas figuras da Republica. Embora registadas, as cartas fôram violadas no correio e levadas a um jornalista que d'ellas tirou pre-

texto para exigir a minha prisão. Comprehende o que haveria de perigoso em quem faça d'estas confidencias privadas, sobre melindrosos assumptos, materia de um processo onde o arbitrio e o tumultuario das formas não inutilizam ainda o direito de defeza.

Mas com a *escangalhada* amoralidade de uns e a classica estupidez de outros, se isso não chegasse, não seria difficil aos meus inimigos encontrar cumplicidades, para a violencia que se me fazia, como se verificou mais tarde quando surgiu um delator que *espontaneamente* se apresentou para authenticar um imaginario delicto de lesa-patria.

Aquella estercoreira dá para tudo.

— E' verdade o que se disse de vexames no acto da prisão? Em tempos li...

— O que leu, nos jornaes de então, interessados em me deprimir não é exacto. Eu estive preso algumas horas em dois navios de guerra: mal alojado e incommunicavel, é certo, mas nenhum acto praticaram que levantasse protestos meus. E' certo que me transportaram para a Penitenciaria no meio de uma escolta, industriada para me enxovalhar com grosserias e allusões de character pessoal. O que era preciso era vexar-me. Isso obtiveram-no completamente e os meus primeiros dias da Penitenciaria foram de um intenso martyrio moral, n'aquelle isolamento, na nudez de todos os confortos, pois que só perante a minha formal decisão de me não alimentar com o rancho dos outros presos, o governo se decidiu a consentir que me viesse de casa um leito para dormir, e os alimentos para me sustentar. Na minha situação o que mais doiam eram os agravos moraes. Esses foram muitos e não os esquecerei. Creio que os que por lá teem passado, não esque-

cerão os seus. E' d'esta memoria, se ella se não obliterar em todos, talvez que surdirá a salvação, um dia.

**Caminho do exilio —
Quando acabará o seu
exilio.**

— Quando sahii da prisão?

— Quando se affigurou ao governo que não podia ter-me lá mais tempo sem me formar uma culpa. E como isso não vinha facilmente, tomou-se o expediente de pôr-me na rua, affiançado e sob a ameaça de um processo que não anda por qualquer motivo. Vim então voluntariamente para o exilio, d'onde regressarei quando elle se me tornar incomportavel. Se novas violencias forem praticadas, a minha coragem moral irá blindada para novos ultrages. Não é de mim que eu me preocupu, mas do sem numero de desgraçados que dentro e fóra do paiz levam uma miseravel existencia á conta, não dos seus erros, mas da intolerancia republicana que acabará por nos destruir como nacionalidade, se um esforço commum, *nosso e só nosso*, nos não salvar. O *messianismo* é uma vesania ethnica dos portuguezes. Os outros, se nos espreitam, é para nos esbulhar. Verá isso melhor quando fôr sabido o que se concerta em Inglaterra contra o nosso dominio colonial.

Angola e a Industria Portuguesa — Um quadro oferecido áquelles senhores que ameaçavam a Monarchia com os seus 80.000 operarios.

— O quê? Pensa que Angola?...

— O destino de Angola está fixado. O que já se tem feito não me deixa duvidas de que essa parcella do nosso dominio colonial vae passar a ser

comprehendida, por um tratado anglo-allemao, na *esphera dos interesses economicos* da Allemanha. Este euphemismo diplomatico serve para mascarar o que haveria de imprudente, por parte da Inglaterra, em ceder o que lhe não pertence, n'um tratado que visa a dar á sua rival carta branca para nos expoliar mansamente, de vagar, sem a brutal violencia de investir com a nossa secular soberania. No fundo, os dous compadres concertam-se para dender o afillhado, comtanto que isso se faça sem dôr nem gritos, que sobresaltem os visinhos. Começou-se por comprar uma participação de sessenta milhões de marcos na empresa ferro-viaria do Lobito. Crear-se-hão em seguida outros interesses. Virá a concorrência da navegação: accudirão, sob o beneficio do decreto já feito, os mercadores com as suas industrias. E quando tudo estiver aparelhado para o golpe final, se creará o conflicto, de onde derivará a expropriação. Até lá, iremos pagando as despezas de uma soberania que tem, nas nossas mãos, o aspecto de uma irrisoria canna verde, em vespersas de maior martyrio. A nossa industria caseira será arruinada pela concorrência de outra, melhor preparada para a lucta e em pouco tempo, ao longo d'essa costa, nos abrigos das angras, nos valles frescos do interior florescerão as feitorias allemaes, accudirão os emigrantes allemaes, se trocarão fazendas estrangeiras contra o trabalho dos pretos que, previdentes missões germanicas, acabarão de indispor contra nós. Este é o quadro de Angola: identico será o da Guiné quando a França nos desapossar d'ella, como não é menos intranquillo o futuro de S. Thomé, quando os chocolateiros britannicos acabarem de nos arruinar a mão de obra.

Os destinos da republica.

— Mas qual será então o futuro da republica?

— A republica terá o destino imposto pelos seus erros. Iniciada a partilha, os appetites alheios virão com a digestão dos primeiros bocados e acabarão com o resto.

— E não pensa que uma restauração nos poderia salvar ainda?

A Restauração.

— Restauração de quê ou de quem? Se quer com isso perguntar se a restauração de uns bons principios governativos poderá influir nos nossos destinos futuros, a resposta affirmativa não é duvidosa. No pendor, porém, em que vae a vida nacional, a enfermidade tende a agravar-se sem que me seja permittivel suppôr que melhore um estado que tem causas geraes a entreter-lhe a gravidade. Evidentemente, o que está não pôde ser, *como está*, duradouro, porque não é compativel com a existencia de qualquer paiz uma forma de governo que assenta no arbitrio de quem o governa, que entrega as liberdades publicas á delação das sociedades secretas, que faz da justiça o esfregão do caldeiro onde cozinha os seus odios, que ajolda a tropa para as pressões eleitoraes, para a terrorisação dos povos, que faz das cadeias logradouros dos insubmissos, que suprime as liberdades de sentir, pensar, dizer de um modo opposto ou sequer differente da linguagem dos seus inconfessaveis interesses. Um governo assim dura mas emquanto não exclude a fatal e inevitavel reacção. Portanto, ao termo de algum tempo está a restauração de outras normas quando o paiz não *puder mais* com a sua miseria moral, ou quando formos

aos olhos dos outros, um escandalo mundial. Se é a isso que se refere...

Como foi possivel a republica, na opinião do sr. José d'Azevedo — 0 5 de outubro — 0 exercito.

— Não! Queria fallar da restauração da nossa Monarquia tradicional.

— E' mais difficil a resposta. E comtudo é facil de ver que, pela lei do menor esforço, é mais accessivel á vontade refazer a Monarchia que dar novas formas ao governo republicano que, tal como é, se apresenta com todos os caracteres distinctivos da sua genese. Restaurar a Monarchia depende de um acto de vontade. Tornar aquillo viavel exige um periodo educativo da raça, a adaptação ás noções superiores que formam a excellencia theorica de uma republica democratica. A republica portugueza é assim por não poder ser outra cousa emquanto demorarem os actuaes elementos dirigentes em uma diathese ingenta que a hade fazer bravia, intolerante, brutal nos seus appetites, selvagem nos seus odios. Nasceu de um bamburrio, tornado possivel pela desagregação dos partidos monarchicos e pelo desnivel a que chegaram os seus homens de governo: levou-o a termo a quasi geral defecção da classe militar, que, com honrosas excepções, não é senão um agregado casual de homens que não constituem *uma classe* porque falta á sua unidade um *culto* de qualquer sentimento, da honra, do dever, da bandeira, ou sequer o do juramento de fidelidade a que os submetteram no acto de os arremeterem. Não se podem dizer *militares* porque esta qualidade, se presuppõe valentia, não exclue a disciplina que é o nexo sem o qual as ambições individualis-

tas fazem brecha na afinidade organica dos exercitos.

A republica sahiu de uma revolta de caserna: não foi um *movimento nacional*. O seu estabelecimento fez-se logo em proveito dos que a promoveram. O resto do paiz, sem moral civilica, sem patriotismo, sem fé monarchica e — vê-se agora pelo que tem soffrido sem protesto — sem vislumbre de vergonha, preparou-se para acceitar as novas formas contanto que ellas lhe não diminuisssem as commodidades do passado...

A oligarchia republicana.

— Mas o paiz está descontente !

— Sim ! porque a republica se tornou oligarchica, de um pequeno numero de figuras, um intolerante imperialismo jacobino, estupidamente irreligiosa, brutalmente perseguidora. Sem isso o paiz não se retrahiria n'uma abstenção de todos os seus interesses: hostiliza sommamente os poderes constituidos, e a cada violencia dos governantes renasce um botão de uma florescencia monarchica que os gelos da indiferença pareciam ter extinto de todo. Este regimen de arbitrio em que se mantem a republica até aqui, tem creado desillusões, despeitos, victimas, e feito desgraçados: acabará por crear heroes no dia em que se universalisar no meu paiz a convicção de que é um crime de lesa-patria a resignada submissão áquillo que vive, antes do mêdo que mette, do que da força de que dispõe ! Se em Portugal houver um dia a consciencia da dignidade collectiva, a noção da potencia que é o sacrificio voluntario dos interesses privados aos do bem publico: se se reagir contra o egoismo individualista caracteristico de todas as democracias: se desde a molecula

social aos mais complicados organismos corporativos se recuperar a noção da honra incompativel com a escravidão que se procura impôr-lhe — a republica, figurino democratico, viverá o tempo indispensavel á mobilisação de uma força destructiva que nenhuma vontade poderá deter. De outro modo iremos, mais ou menos longamente, para a total ruina dos povos indignos de uma existencia independente. Então restabelecer-se-hão outras fórmias differentes, mas nós teremos vivido como nação. E' isso o que eu prevejo como mais provavel, se...

— E porque não uma restauração monarchica ?

— Porque essa demanda um esforço interno para ser digna. Imposta não pode ser senão sem protectorado.

Quando ?

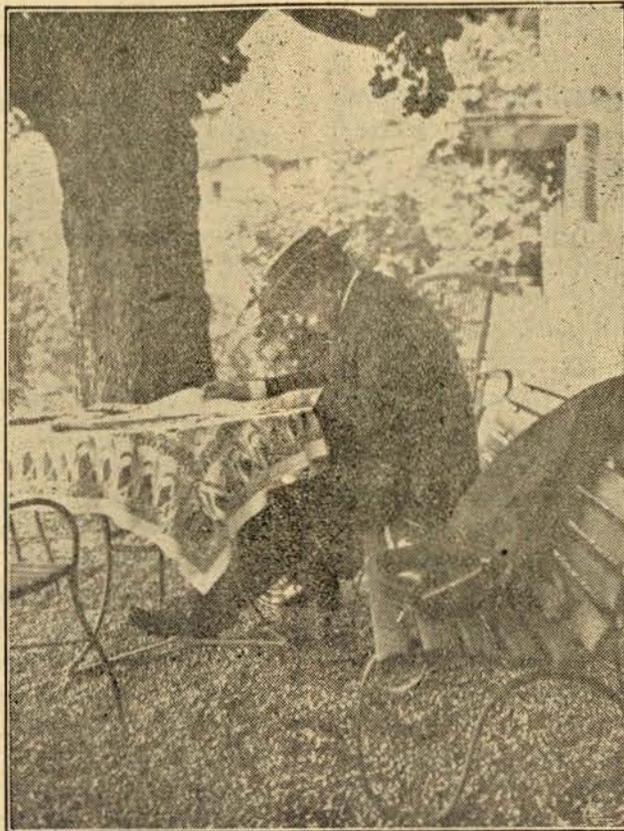
— E de que depende esse esforço ?

— Da *vontade* do paiz e quando essa vontade tiver todo o aspecto de uma quasi universalidade, nem carecerá de lutar, para vencer. A sua força impôr-se-ha por si propria: a reacção será impossivel. O que o paiz, terrorisado até á medula, não tem feito, é *querer*, é, mostrar ao mundo o desejo de ter o governo das suas preferencias. Esse é o seu direito: mas como é um direito politico carece de ser affirmado para que lh'o acatem. Todas as tentativas revolucionarias enfermam da carencia de demonstrações positivas de que os que arriscam a liberdade pela restauração monarchica são os precursores de um movimento que pegará como um rastilho de polvora.

O paiz *deseja* que se restaure a monarchia porque detesta a republica. Não é ainda porém vivo o sentimento de que essa restauração é

indispensavel para a tranquillidade do lar, para o progresso da sua riqueza, para os beneficios da paz, porque ainda não *soffreu* bastante. As religiões fundam-se e cimentam-se no martyrio. Ao que parece as violencias e crimes não são ainda bastantes.

Os meus votos são, pois, para que perdire o *homem providencial* que terminará por dar connosco em vasa barris — o que é uma solução — se antes d'isso as suggestões da historia não armarem a mão de Bruto o que me não parece difficil em terra de tantos.



MANHÃS DE EXILIO — S. Ex.^a o Sr. Conselheiro
José d'Azevedo Castello Branco, na Suissa — (Kodak do
sr. dr. Cunha e Costa, notavel amator photographico).